

Vic não dançava, mas não pelos motivos que a maior parte dos homens que o não faz, alega. Não dançava simplesmente porque a mulher gostava de dançar. A lógica da sua atitude tinha pouco fundamento e sobre isso não tinha a menor dúvida, embora a ideia lhe passasse pela mente sempre que via Melinda dançar: era insuportavelmente estúpida quando dançava. Chegava a ser embaraçoso.

Tinha levemente consciência de que, de vez em quando, Melinda entrava a rodopiar no seu campo de visão para logo tornar a sair, mas unicamente a familiaridade de cada pormenor físico dela o levava a aperceber-se da sua presença. Ergueu compassadamente o copo de uísque com água e sorveu um gole.

Permaneceu sentado no banco circular estofado à volta do pilar da escada de caracol em casa de Meller, numa pose descontraída, no rosto uma expressão indefinida, olhando fixamente os movimentos dos dançarinos e pensando que quando chegasse a casa iria à garagem ver como estavam os viveiros das ervas e se as dedaleiras tinham rebentado. De momento dedicava-se à cultura de diversos tipos de ervas, retardando-lhes o crescimento através da redução a metade da luz solar e da água normais, tendo em vista intensificar o seu sabor. Todas as tardes as punha ao sol à uma hora, altura em que vinha a casa almoçar, e voltava a levá-las para a garagem às três horas, quando regressava à sua tipografia.

Victor Van Allen tinha 36 anos, estatura um pouco abaixo da mediana, com tendência para uma firme rotundidade geral em vez de gordura, e possuía sobranceiras espessas e encaracoladas debaixo

das quais contrastavam inocentes olhos azuis. O seu cabelo castanho era liso, bastante curto e, à semelhança das sobancelhas, espesso e rebelde. Uma boca de tamanho médio, firme e normalmente descaída no canto direito em assimétrica determinação ou humor, dependendo da interpretação que se lhe quisesse dar. Era a boca que imprimia no seu rosto uma certa ambiguidade — pois também se podia ler nele uma certa amargura — porque os seus olhos azuis, grandes, vivos e inexpressivos não deixavam transparecer o seu pensar ou o seu sentir.

Nos últimos momentos, o ruído aumentara um ou dois decibéis e a dança tornara-se mais agitada em resposta ao ritmo da música latina que entretanto se começara a ouvir. O ruído feria-lhe os ouvidos e permaneceu sentado, apesar de saber que, se quisesse, poderia ter-se retirado para o escritório do seu anfitrião e folhear os livros que lá havia. Bebera o suficiente para sentir nos ouvidos um ligeiro zumbido ritmado, não de todo desagradável. Talvez o melhor que havia a fazer numa festa, ou em qualquer reunião social onde houvesse bebidas alcoólicas, fosse aumentar o número de bebidas à medida que aumentava o ruído. Abafar o ruído com o nosso próprio ruído. Era possível criar um pequeno coro de alegres vozes cá dentro da nossa cabeça. Facilitava tantas coisas. Nem completamente sóbrio, nem completamente embriagado. *Dum non sobrius, tamen non ebrius*. Um belo epitáfio para a sua pessoa, mas infelizmente, falso, pensou. A verdade é que a maior parte do tempo preferia estar com todos os sentidos despertos.

Involuntariamente, os seus olhos fixaram-se na formação que de repente se organizava: a fila para a conga. E involuntariamente viu Melinda a sorrir alegre e provocadoramente, por cima do ombro, a um homem inclinado para ela — bastante inclinado até, praticamente sobre o seu cabelo — Joel Nash. Vic suspirou e sorveu mais um gole. Para quem na noite anterior dançara até às cinco, Mr. Nash não estava nada mal.

Vic sobressaltou-se ao sentir tocarem-lhe no braço esquerdo, mas era apenas a idosa Mrs. Podnansky, que se inclinou para lhe falar. Quase se esquecera da sua presença ali.

— Nunca é de mais agradecer-lhe, Vic. Realmente não se importa de o ir buscar? — perguntara-lhe a mesma coisa fazia cinco ou dez minutos.

— Claro que não — disse Vic, a sorrir, erguendo-se quando ela se endireitou. — Amanhã passarei por lá cerca de uma menos um quarto.

Nesse preciso momento, Melinda inclinou-se para ele, por cima do braço de Mr. Nash e disse quase na cara de Mrs. Podnansky, embora fitando Vic: — Parvalhão-beberrão! Porque não danças? — e Vic viu Mrs. Podnansky dar um pulo e recompor-se, sorrindo antes de se afastar.

Mr. Nash esboçou um sorriso alegre, ligeiramente hesitante a Vic antes de se afastar dançando com Melinda. E como definir aquele sorriso? interrogou-se Vic. Camaradagem. Era esse o termo. Fora o que Joel Nash tencionara transmitir. Vic desviou intencionalmente o olhar de Joel, embora os pensamentos que lhe haviam ocorrido estivessem relacionados com o rosto dele. Não eram os seus modos — hipócrita, semiembaraçado, meio parvo — que tanta irritação lhe causavam, mas o seu rosto. As faces e a fronte pueris e bolachudas, o cabelo alourado agitando-se, aquelas feições regulares que as mulheres que gostavam dele descreviam como não *demasiado* regulares. A maior parte das mulheres considerá-lo-ia bonito, conjecturou Vic. Lembrava-se de Mr. Nash o fitar do sofá ao entregar-lhe o copo vazio pela sexta ou oitava vez a noite passada, como se envergonhado de aceitar outra bebida, envergonhado de se demorar mais quinze minutos e, no entanto, predominara no seu rosto uma manifesta insolência. Até então, os namorados de Melinda revelavam sempre mais miolos ou menos insolência. Joel Nash não se demoraria muito tempo por aquelas paragens. Era caixeiro-viajante da Furness-Klein Chemichal Company de Wesley, Massachusetts, ficaria só algumas semanas para divulgar os novos produtos da empresa, dissera. Se tencionasse instalar-se em Wesley ou Little Wesley, Vic não tinha dúvidas de que suplantara Ralph Gosden, independentemente de Melinda se fartar dele ou de ele se revelar um ás noutros aspectos, porque Melinda era incapaz de resistir ao que considerava um palmo de cara. Na opinião de Melinda, Joel seria mais jeitoso do que Ralph.

Vic ergueu o olhar e viu Horace Meller de pé a seu lado. — Ora viva, Horace. Procuras um lugar para te sentares?

— Não, obrigado. — Horace era um homem franzino, de estatura mediana e cabelo para o grisalho, com um rosto estreito e sensível e um bigode preto um pouco farfalhudo. A boca sob o bigode

esboçava o sorriso cortês de um anfitrião nervoso. Horace estava sempre nervoso, embora a festa estivesse a correr bem, tal como qualquer anfitrião teria desejado. — Como vão as coisas na tipografia, Vic?

— Estamos a acabar de imprimir Xenofonte — retorquiu Vic. Com o barulho, tinham uma certa dificuldade em falar. — Porque não apareces por lá um dia destes à tardinha? — Vic referia-se à tipografia. Ficava sempre lá até às sete e sozinho a partir das cinco, que era a hora de saída de Stephen e Carlyle.

— Está bem, irei — respondeu Horace. — A bebida está boa?

Vic anuiu com a cabeça.

— Até à vista — disse Horace, afastando-se.

Vic sentiu um vazio assim que ele se foi embora. Um certo embaraço. Algo que fora omitido, e Vic sabia do que se tratava: por delicadeza, Horace abster-se de mencionar Mr. Joel Nash. Não comentara se era simpático, se era bem-vindo, nem fizera qualquer pergunta a seu respeito, nem se preparara para dizer banalidades. Melinda forçara o convite de Joel para a festa. Vic bem a ouvira ao telefone com Mary na antevéspera: — ... Bem, não é propriamente nosso convidado, mas sentimo-nos responsáveis por ele, pois não conhece muita gente aqui na cidade... Oh, obrigada, Mary! Não pensei que te fizesse diferença mais um cavalheiro, e para cúmulo tão jeitoso... — Como se alguém estivesse interessado em separar Melinda dele com um pé de cabra. Mais uma semana, pensou Vic. Exactamente mais sete noites. Mr. Nash ia-se embora no domingo.

Joel Nash apareceu, um vulto vacilante no seu casaco branco de ombros largos, trazendo na mão um copo. — Boa-noite, Mr. Van Allen — disse Joel com tom de pretensa formalidade, deixando-se cair no sítio onde Mrs. Podnansky estivera sentada. — Como vai esta noite?

— Oh, como sempre — disse Vic, sorrindo.

— Queria dizer-lhe duas coisas — prosseguiu Joel com um súbito entusiasmo, como se lhe tivessem ocorrido naquele preciso momento. — Uma delas é que me pediram — lá da empresa — para ficar aqui mais uma ou duas semanas, pelo que espero poder retribuir *a ambos* a enorme hospitalidade que me dispensaram nas últimas semanas e... — Joel soltou uma gargalhada pueril, baixando a cabeça.

Melinda tinha um jeito para descobrir pessoas como Joel Nash, pensou Vic. Uma verdadeira comunhão espiritual. — E a segunda?

— A segunda... Bem, a segunda é, quero dizer-lhe, que o acho um tipo bestial, a deixar-me andar assim com a sua mulher. Não que eu a tenha visto muitas vezes, compreende, alguns almoços e um passeio ao campo, mas...

— Mas o quê? — ripostou Vic, sentindo-se subitamente bastante sóbrio e enojado com a maliciosa insinuação de Nash.

— Bem, muitos homens ter-me-iam cortado a cabeça por menos... pensando que havia algo mais, claro. Compreendo perfeitamente que pudesse estar um pouco aborrecido, mas não está. Noto-o. Acho que me devo mostrar grato para consigo por não me ter esmurrado a cara. Não que tenha havido motivo para tal, claro. Pode perguntar a Melinda, caso tenha alguma dúvida.

Era a pessoa mais indicada a quem perguntar, logicamente. Vic fitou-o com calma indiferença. O silêncio era a melhor resposta, pensou Vic.

— De qualquer modo, queria dizer-lhe que o acho um tipo com espírito desportivo.

O terceiro anglicismo afectado de Joel Nash irritou Vic de forma desagradável. — Agradeço a sua atenção — disse Vic, com um ligeiro sorriso —, mas não perco tempo a esmurrar o nariz às pessoas. Se alguém não me agrada, mata-o.

— Mata-o? — Mr. Nash esboçou o seu sorriso pateta.

— Sim. Lembra-se de Malcolm McRae não lembra? — Vic sabia que ele tinha conhecimento de Malcolm McRae, porque Melinda lhe dissera que falara a Joel do «mistério McRae» e que Joel se mostrara muito interessado, pois contactara uma ou duas vezes com McRae em Nova Iorque, por questões de negócios.

— Sim — respondeu Joel Nash, atento.

O sorriso começava a desaparecer-lhe do rosto. Agora não passava de um mecanismo de defesa. Sem dúvida Melinda dissera a Joel que Mal tinha um fraquinho por ela. Dava sempre muito mais condimento à história.

— Está a brincar comigo — disse Joel.

Naquele preciso instante, pelas palavras e pela sua expressão, Vic teve a certeza de duas coisas: que Joel Nash já tinha feito amor com

a sua mulher e que a sua própria atitude de calma quase apática na presença de Melinda e Joel causara enorme impressão. Vic assustara-o — não só naquele momento, mas em determinadas noites em casa. Vic nunca manifestara qualquer indício de ciúme convencional. As pessoas que não têm um comportamento ortodoxo, pensou Vic, são por definição assustadoras. — Não, não estou a brincar — disse Vic suspirando e tirando do maço um cigarro, e oferecendo depois a Joel.

Joel Nash recusou.

— Ele foi um pouco longe de mais, como é costume dizer... com Melinda. Ela deve ter-lhe contado. Mas não foi tanto a sua personalidade, de um modo geral, que me irritou. A sua arrogância e o seu constante alheamento, que as pessoas tinham de lhe aturar. E a sua revoltante parcimónia. — Vic enfiou o cigarro na boquilha e prendeu-a com os dentes.

— Não acredito em si.

— Acho que acredita. Não que isso tenha importância.

— Matou *mesmo* Malcolm McRae?

— Quem mais poderia ter sido? — Vic aguardou, mas não houve qualquer resposta. — Melinda contou-me que o encontrou ou que o conhecia. Tem algumas teorias? Gostaria de as saber. As teorias interessam-me. Às vezes, bem mais do que os factos.

— Não tenho nenhuma teorias — disse Joel em tom de defesa.

Vic notou um retraimento, um receio, mesmo no modo como Mr. Nash se sentava no banco. Vic reclinou-se, cerrou os seus peludos sobrolhos castanhos, e expeliu o fumo mesmo para cima do outro.

Seguiu-se um silêncio.

Vic sabia que Mr. Nash dava voltas à cabeça para encontrar argumentos. Sabia até qual o comentário que se iria seguir.

— Considerando que ele era seu amigo — começou Joel, tal como Vic previra que sucederia —, não creio que seja correcto estar a gracejar com a sua morte.

— Ele não era meu amigo.

— Da sua mulher.

— O que não é o mesmo, convenhamos.

Mr. Nash esboçou um aceno da cabeça. Depois um sorriso de esguelha. — Mesmo assim, acho que é uma piada de mau gosto. — Levantou-se.